

Encaminhados a tratamento psicoterápico individual, todos demonstram grandes resistência e dificuldades de elaborações internas consistentes e adequadas.

INTRODUÇÃO

O presente caso foi encaminhado pela Delegacia da Mulher ao Serviço de Sexologia da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP). Trata-se de relacionamento incestuoso entre pai e filha, com desdobramento judicial, após a esposa/mãe haver descoberto os fatos e como conseqüência formulado denúncia em delegacia especializada.

HISTÓRICO

A.L.C. 15 anos, estudante, 5ª série do primeiro grau. V.L.C. 36 anos, auxiliar de enfermagem, casada. N.C. 32 anos, pedreiro, casado. Habitação: casa própria/bairro popular.

A família é composta pelo casal e três filhos, sendo A.L.C. a mais velha, atualmente com 15 anos de idade. O segundo filho tem 12 anos e a filha mais nova 10 anos.

V.L.C quando adolescente se dedicava a prostituição, fazendo também uso de drogas leves. Há 16 anos conheceu N.C. trabalhador na construção civil, 4 anos mais jovens, que a “tirou da zona” (sic), casando-se com ela a seguir. V.L.C. sempre procurou esconder estes antecedentes dos filhos alegando que tentava “orientá-los e preveni-los” (sic), embora o fizesse de forma autoritária e sem qualquer tipo de diálogo.

Ha um mês tomou conhecimento que A.L.C. e seu pai mantinham relações sexuais, sendo que a filha inclusive tomava pílulas contraceptivas. Alega que nunca desconfiou de nada pois o marido sempre foi muito bom para ela e os filhos. Notificada a Delegacia da Mulher, A.L.C. passou pelo I.M.L., tendo sido decretada a prisão do pai.

Antecedentes de A.L.C. mostram que a mesma já residiu fora de casa, com uma prima e depois com uma amiga. Em todos estes locais teve problemas por regressar sempre muito tarde da noite e mentir constantemente. Voltou a morar com a mãe contra a vontade desta, mantendo porém comportamento de dormir fora de casa, sair com rapazes e ir a motéis com parceiros múltiplos.

Durante o período em que N.C. esteve no presídio, duas mulheres de presos (usuárias de drogas) passaram a residir na mesma casa que a família em estudo, a convite de V.L.C..

Nas entrevistas N.C. alega que as relações sexuais com a filha não eram forçadas sendo feitas “em comum acordo” (sic) já há três anos. Nos sete anos anteriores teriam existido apenas “brincadeiras entre eles” (sic).

V.L.C. passa, nas entrevistas, a acusar a filha de ter seduzido o pai e mostra desejos que A.L.C. vá viver com os avós em Ribeirão Preto. Simultaneamente procura médicos psiquiatras verbalizando que quando acusou o marido não estava mentalmente bem, que estava “louca” e solicita internação em hospital psiquiátrico, no que não foi atendida.

Atualmente todos continuam a viver na mesma casa, em condições bastante conflituosas, devido ao instável comportamento que varia da agressividade a passividade apresentado por V.L.C. e ambigüidade de papéis manifestados por A.L.C. e seu pai.

ANÁLISE DOS DADOS

Na análise da família verificamos que ela se encontra no momento estruturada mas com acentuadas patologias de vínculo entre o triângulo formado por pai/mãe e filha.

A mãe apresentou e apresenta envolvimento em “submundos” demonstrado pela vida de prostituição que levava antes do casamento e agora, quando passou a conviver com usuários de drogas, inclusive levando-as para residirem em sua casa.

Em relação a filha apresenta dois tipos de comportamento: a) casador (mas sem conseguir colocar limites adequados nos comportamentos sociais e sexuais de A.L.C.), quando exerce o papel de mãe. b) competidor quando exerce o papel de mulher. Inicialmente suas frustrações com a descoberta do relacionamento sexual pai/filha desencadeia impulsos agressivos em relação ao marido o que a leva a denúncia judicial e a prisão deste.

Logo porém para minimizar a culpa que aparece da ambivalência de sentimentos amor/ódio tenta se passar por doente mental, com solicitação de internação hospitalar, justificando que se isto tivesse acontecido teria sido possível retirar a queixa policial pois teria alegado que “não estava bem da cabeça”.

O eixo ódio/agressão se desloca então para a figura de A.L.C. que passa a ser a sedutora, a responsável por tudo de ruim que está acontecendo. Concomitantemente passa a adotar uma duplicidade de papel, com uma postura de convivência ao relacionamento pai e filha. V.L.C. também se recusa a admitir que muito dos comportamentos antisociais de A.L.C. são semelhantes ao dela própria.

A.L.C. e o pai atualmente se uniram contra a esposa/mãe como que querendo colocá-la dentro da lata de lixo da relação familiar. N.C. deu início a tratamento psicoterápico mas tal tratamento praticamente não tem tido progresso. Alega que “não tem nada” e que só vai a consulta por determinação judicial. Insiste sempre que é a mulher quem necessita de tratamento.

V.L.C. procurou psicoterapia espontaneamente mas freqüenta as sessões “individuais” muito desordenadamente (faltas constantes). Verbaliza sempre que deseja a saída da filha de casa, da importância que o marido tem para ela e de como pensa em “manter o casamento para sempre”.

A.L.C. recusa qualquer tipo de ajuda, acusa a mãe de ser a causadora de todos os problemas, negando-se a ir viver com os avós. Admite apenas a possibilidade de ir morar com o atual namorado caso este assim o desejar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CONSTANTINE, L.; MARTINSON, J. (1984). *Sexualidade infantil - novos conceitos/novas perspectivas*. São Paulo, Roca.
2. FORWARD, S.; CRAIG, B. (1989). *A traição da inocência: incesto e sua devastação*. Rio de Janeiro.
3. FURNISS, T. (1993). *Abuso da criança*. Porto Alegre, Artes Médicas.
4. LANGLEY, R.; LEVY R. (1980). *Mulheres espancadas*. São Paulo, Hucitec.
5. RENSHAW, D. (1984). *Incesto/compreensão e tratamento*, São Paulo, Roca.
6. VELHO, G.; FIGUEIRA S. (1985). *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro, Campus.